

ECONOMIA

CUSTO DE VIDA



Consumidor faz compra em supermercado: produtos estão mais caros, especialmente no Centro

Cesta básica se aproxima de R\$ 900 na região central

Custo médio dos produtos em Ribeirão ficou em R\$ 837,13, crescimento de 5,69% em relação ao mês anterior, segundo dados da Acirp

DA REDAÇÃO
redacao@jornalribeirao.com.br

A cesta básica em Ribeirão Preto custou, em média, R\$ 837,13 em maio de 2026, alta de 5,69% em relação a abril, com diferença de até R\$ 121,48 entre as regiões da cidade, segundo levantamento da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (Acirp). A batata, que subiu 26,55% no mês, representou a maior alta.

A análise por regiões mostra diferenças relevantes nos preços praticados no município. A região Central registrou o maior custo médio da cesta, de R\$ 891,35, apesar de recuo de 0,56% em relação ao mês anterior. Já a região Oeste manteve o menor valor médio, de R\$ 769,87, mesmo com alta de 8,57%.

Nas demais regiões,

o custo médio foi de R\$ 821,03 na Norte, com alta de 10,45%; R\$ 852,93 na Leste, com avanço de 4,79%; e R\$ 863,31 na Sul, com elevação de 5,95%.

O quadro reforça a heterogeneidade dos preços dos alimentos em Ribeirão Preto. De forma geral, os resultados apontam uma alta relevante no custo da cesta básica em maio, o que reduz o poder de compra das famílias.

Segundo o Instituto de Economia Maurílio Biagi, autor do estudo, “de forma geral, os resultados indicam elevação relevante no custo da cesta básica em maio, indicando redução do poder de compra das famílias no período”.

RENDA

Segundo os dados divulgados pela Acirp, um trabalhador comprometeu cerca

de 55,83% da renda mensal apenas com a compra de alimentos em maio. Para adquirir a cesta básica, foram necessárias aproximadamente 122,83 horas de trabalho, o que representa acréscimo de 6,61 horas em relação a abril.

A mensuração da cesta básica tem como referência as quantidades definidas no Decreto-Lei nº 399/1938, sem alteração dos itens ou das quantidades ao longo da série histórica. A composição dos grupos alimentares também observa as diretrizes do Decreto nº 11.936, de 5 de março de 2024, e dialoga com os padrões de consumo identificados pela Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF/IBGE).

Para o levantamento, o IEMB percorre 10 hipermercados e padarias distribuídos pelas regiões da cidade para calcular a média de preços.

SUSTENTABILIDADE

Frio que custa caro: eficiência energética na indústria de alimentos

FERNANDO DE LIMA CANEPELE*
canepele@usp.br



QUEM PASSA PELAS RODOVIAS DO INTERIOR PAULISTA RARAMENTE ASSOCIA OS FRIGORÍFICOS, LATICÍNIOS E USINAS DE PROCESSAMENTO QUE PONTUAM A PAISAGEM A UM DOS MAIORES CONSUMIDORES DE ELETRICIDADE DO PAÍS.

A indústria de alimentos e bebidas responde por cerca de 15% de todo o consumo industrial de energia do Brasil e na macrorregião de Ribeirão Preto, onde essa atividade é bastante importante para a economia, esse peso se traduz em faturas mensais que corroem margens e competitividade. O que poucos sabem é que uma parte expressiva desse custo pode ser eliminada com tecnologia disponível, comprovada e economicamente viável.

O principal vilão energético da cadeia alimentar é o frio. Câmaras de resfriamento, túneis de congelamento e sistemas de refrigeração de processo respondem por até 70% do consumo elétrico em algumas plantas. Em laticínios da região, não é incomum encontrar compressores operando abaixo do ideal por falta de manutenção preditiva ou de inversores de frequência nos motores, perdas silenciosas que se acumulam mês a mês sem aparecer em nenhum relatório gerencial.

A engenharia de sistemas aplicada ao diagnóstico dessas plantas revela o caminho. A substituição de motores existentes por IE4 (tecnologia mais eficiente), a implantação de variadores de velocidade em bombas e compressores e a otimização dos setpoints de temperatura com base em dados reais são medidas de payback entre 18 e 36 meses. Para as usinas sucroalcooleiras do entorno de Ribeirão, a cogeração com bagaço de cana vai além: transforma a planta de consumidora passiva em produtora ativa, com excedente vendável para a rede e inserção direta no mercado livre de energia.

No plano nacional, o PROCEL e algumas legislações oferecem o arcabouço regulatório para acesso a financiamentos do BNDES em condições diferenciadas. Na Alemanha e na Dinamarca, programas de auditoria energética obrigatória para a agroindústria já colhem reduções médias de 20% a 30% no consumo sem perda de capacidade produtiva. Aderir às metas de descarbonização deixou de ser responsabilidade voluntária e tornou-se exigência concreta das cadeias globais de fornecimento.

Para Ribeirão Preto, que ambiciona consolidar seu papel como polo agroalimentar de referência mundial, a eficiência energética industrial não é um detalhe técnico relegado à sala de máquinas. É uma decisão estratégica que pertence à mesa diretora e que começa com a coragem de medir, analisar e agir sobre os dados que as próprias plantas já produzem.

*Engenheiro elétrico, professor da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos (FZEA) da USP, em Pirassununga. Especialista em energia sustentável.



Faça seu evento muito mais divertido e animado com... CARICATURAS AO VIVO!

ENQUANTO SEU EVENTO ACONTECE... FAZEMOS CARICATURAS DOS CONVIDADOS.

CASAMENTOS - ANIVERSÁRIOS - CORPORATIVOS - PALESTRAS - FORMATURAS - EXPOSIÇÕES - FEIRAS

16 99751 8550



www.josubarroso.com